

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

2

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)



Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

2

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I62 Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade 2 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André Ricardo Lucas Vieira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-777-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.779211312>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade”, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas temáticas, ligadas à Educação, que a compõe.

Ao refletirmos sobre a Investigação Científica percebemos sua importância para a Educação, pois permite o desenvolvimento do potencial humano que os envolvidos mobilizam no processo de pesquisa; ou seja, é o espaço mais adequado para estimular a curiosidade epistemológica, conduzindo a aprendizagens que podem nascer de problemáticas postas pelas diversas questões cotidianas.

Depois da mobilização ocasionada pelas diversas inquietudes que nos movimentam na cotidianidade e ao aprendermos a fazer pesquisa, entendendo o rigor necessário, nos colocamos diante de objetos de conhecimentos que exigem pensar, refletir, explorar, testar questões, buscar formas de obter respostas, descobrir, inovar, inventar, imaginar e considerar os meios e recursos para atingir o objetivo desejado e ampliar o olhar acerca das questões de pesquisa.

Nesse sentido, os textos avaliados e aprovados para comporem este livro revelam a postura intelectual dos diversos autores, entendendo as suas interrogações de investigação, pois é na relação inevitável entre o sujeito epistemológico e o objeto intelectual que a mobilização do desconhecido decorre da superação do desconhecido. Esse movimento que caracteriza o sujeito enquanto pesquisador ilustra o processo de construção do conhecimento científico.

É esse movimento que nos oferece a oportunidade de avançar no conhecimento humano, nos possibilitando entender e descobrir o que em um primeiro momento parecia complicado. Isso faz do conhecimento uma rede de significados construída e compreendida a partir de dúvidas, incertezas, desafios, necessidades, desejos e interesses pelo conhecimento.

Assim, compreendendo todos esses elementos e considerando que a pesquisa não tem fim em si mesmo, percebe-se que ela é um meio para que o pesquisador cresça e possa contribuir socialmente na construção do conhecimento científico. Nessa teia reflexiva, o leitor conhecerá a importância desta obra, que aborda várias pesquisas do campo educacional, com especial foco nas evidências de temáticas insurgentes, reveladas pelo olhar de pesquisadores sobre os diversos objetos que os mobilizaram, evidenciando-se não apenas bases teóricas, mas a aplicação prática dessas pesquisas.

Boa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

André Ricardo Lucas Vieira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE MULTICAMPI: UMA ANÁLISE PELO ASPECTO (MICRO) POLÍTICO

Nadia Hage Fialho

Ivan Luiz Novaes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113121>

CAPÍTULO 2..... 15

O DIREITO À EDUCAÇÃO E A ADOÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS AMBICIONANDO A EFETIVAÇÃO DOS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS) FIRMADOS NA AGENDA 2030

Cilene Magda Vasconcelos de Souza

Gabriel Mateus Moura de Andrade

José Luiz Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113122>

CAPÍTULO 3..... 27

FATORES ASSOCIADOS AO ABANDONO ESCOLAR DE ESTUDANTES DE CLASSES POPULARES, DO ENSINO BÁSICO, NO BRASIL E PORTUGAL: EM BUSCA DE NOVAS PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES

Clara Maria Almeida Rios

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113123>

CAPÍTULO 4..... 45

FORMAÇÃO E ENSINO EM SAÚDE: ASPECTOS QUE PERMEIAM A CONSTRUÇÃO DO SER DOCENTE

Renata Scartezini Martins

Kelen Antunes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113124>

CAPÍTULO 5..... 56

ESTILOS PARENTALES Y EL ROL ASUMIDO EN LA VIOLENCIA EN EL NOVIAZGO EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Claudia Rocío Bueno Castro

Gloria Margarita Gurrola Peña

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113125>

CAPÍTULO 6..... 68

ESTRÉS ACADÉMICO Y LOCUS DE CONTROL EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS: UN ESTUDIO COMPARATIVO

Aurora León Hernández

Sergio González Escobar

Norma Ivonne González Arratia López Fuentes

Blanca Estela Barcelata Eguiarte

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113126>

CAPÍTULO 7..... 79

INTERLOCUÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A VIDA E O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE FRANS KRAJICBERG E A ÁREA DE EDUCAÇÃO, POTENCIALIZADAS PELO PENSAMENTO DE GILLES DELEUZE

Uillian Trindade Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113127>

CAPÍTULO 8..... 90

A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E O DESAFIO DA MEDIAÇÃO DO TRABALHO EDUCATIVO

Ivanete Rodrigues dos Santos

Gilberto Gomes dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113128>

CAPÍTULO 9..... 97

PRÁTICAS RESTAURATIVAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Carla Giselle Duenha de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7792113129>

CAPÍTULO 10..... 112

NORMATIVAS LEGAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E O CURRÍCULO DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM FÍSICA

Yasmin dos Santos de Araujo

Yara Araujo Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131210>

CAPÍTULO 11..... 125

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO GAMIFICADO PARA APRENDIZAGEM DE CIÊNCIAS POR ALUNOS SURDOS

Raquel Fonseca Maldonado

Mariana Leite Marques da Silva Bezerra

Edison Souza Trindade

Tábata de Oliveira Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131211>

CAPÍTULO 12..... 136

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE DIZEM CRIANÇAS E PROFESSORAS?

Gislene Cabral de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131212>

CAPÍTULO 13..... 150

A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO COMO COMPLEMENTO DE ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PARA AS ESCOLAS DA REDE BÁSICA DO ESTADO DE SERGIPE

José Vítor Rodrigues Santos

Andrea Ferreira Soares

Aline Lima de Oliveira Nepomuceno

Francisco Prado Reis
Vera Lúcia Corrêa Feitosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131213>

CAPÍTULO 14..... 163

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: O QUE REVELAM OS DISCENTES DO ENSINO SUPERIOR

Osmar Mackeivicz
Viridiana Alves de Lara Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131214>

CAPÍTULO 15..... 174

O DISCURSO DE AUTOAJUDA E AS PRÁTICAS IDENTITÁRIAS DO SUJEITO PROFESSOR

Samuel Cavalcante da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131215>

CAPÍTULO 16..... 188

O USO DE RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS (REA) NA ADAPTAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS

Helano da Silva Santana Mendes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131216>

CAPÍTULO 17..... 200

PONDERANDO EL PROCESO METACOGNITIVO EN NORMALISTAS POR MEDIO DEL APRENDIZAJE ACELERADO

Miryam Nava Cervantes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131217>

CAPÍTULO 18..... 207

IMPLEMENTAÇÃO DAS POLÍTICAS DE PERMANÊNCIA ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO IFPA

Maria Cristina Afonso Ferreira
Maria de Fátima Matos de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131218>

CAPÍTULO 19..... 225

A ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DA REGIÃO SUDESTE DO PAÍS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Letícia Pereira de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.77921131219>

SOBRE OS ORGANIZADORES 233

ÍNDICE REMISSIVO..... 234

O DISCURSO DE AUTOAJUDA E AS PRÁTICAS IDENTITÁRIAS DO SUJEITO PROFESSOR

Data de aceite: 01/12/2021

Data de submissão: 06/09/2021

Samuel Cavalcante da Silva

Universidade Federal de Goiás-UFG
Universidade Federal de Catalão-UFCAT
Catalão – GO
<https://orcid.org/0000-0002-1087-4161>

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de investigar as possibilidades de existência do discurso de autoajuda voltado ao sujeito professor em *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*, do escrito brasileiro Augusto Cury. Para esse fim partimos do conceito de identidade apresentado pelos teóricos dos Estudos Culturais, como Hall e Bauman, dentre outros autores para identificamos que tal discurso se realiza e produz sentidos aos seus leitores, entre outros fatores, pelo que Rüdiger denomina “crise identitária”. Com isso, o discurso de autoajuda na obra supracitada, busca fabricar sujeitos professores, oferecendo-lhes um lugar de identificação, a de sujeito professor fascinante. A partir de uma visão neoliberal de “sujeito empresa”, em que o sucesso só depende do indivíduo, o enunciador promete ao professor que este revolucionará a educação enquanto indivíduo, desconsiderando todos os problemas sociais e históricos que a rodeiam.

PALAVRAS CHAVE: Autoajuda. Professor. Identidade. Neoliberalismo.

THE SELF-HELP SPEECH AND THE IDENTITY PRACTICES OF THE TEACHER SUBJECT

ABSTRACT: This paper aims to investigate the possibilities of the existence of the self-help discourse aimed at the subject teacher in *Brilliant Parents, Fascinating Teachers*, by the Brazilian writer Augusto Cury. To this end, we started from the concept of identity presented by Cultural Studies theorists, such as Hall and Bauman, among other authors, to identify that such discourse takes place and produces meanings for its readers, among other factors, by what Rüdiger calls “identity crisis”. Thus, the self-help discourse in the aforementioned work seeks to fabricate teacher subjects, offering them a place of identification, that of a fascinating teacher subject. Based on a neoliberal vision of the “enterprise subject”, in which success only depends on the individual, the announciator promises the teacher that he will revolutionize education as an individual, disregarding all the social and historical problems that surround it.

KEYWORDS: Self-help. Teacher. Identity. Neoliberalism.

1 | INTRODUÇÃO

A pós-modernidade é a era dos especialistas em “identificar problemas”, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de “autoafirmação”: é a era do “surto de aconselhamento” (BAUMAN, 1998, p. 221, grifos do autor).

A autoajuda é um fenômeno da contemporaneidade que busca oferecer aos seus leitores a solução para seus problemas, seja no campo dos relacionamentos, das finanças ou na atuação profissional. Os livros atuam como manuais para vida e prometem a realização pessoal e profissional e, com isso, uma existência plena e feliz. Para tanto, basta aos seus leitores seguirem as orientações e técnicas oferecidas pelos “especialistas”, que partem do princípio de que cada um tem dentro de si as condições necessárias para alcançar o sucesso, sendo imprescindível para alcançar seus objetivos, adequar-se e auto modelar-se.

Durante o mestrado nossa escolha de objeto de pesquisa foi o discurso de autoajuda voltado ao profissional da educação, mas especificamente nossa pesquisa se propôs analisar a proposta de constituição identitária do sujeito professor no discurso de autoajuda de *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*, do escritor brasileiro Augusto Cury, um dos nomes representativos desse estilo de livro no Brasil. Como resultado dessa pesquisa produzimos a dissertação intitulada “O sujeito professor no discurso de autoajuda”¹, defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Goiás.

O presente trabalho é um recorte da referida dissertação, com as devidas adequações para fins dessa publicação, no qual trabalhamos a partir das seguintes problemáticas que nos interpelam: por que o discurso de autoajuda possui adeptos? Por que tal discurso produz sentidos aos professores, leitores de tal literatura?

Para discutirmos essas problematizações escolhemos partir das reflexões sobre identidade, especialmente as trabalhadas pelos teóricos dos Estudos Culturais, como Hall e Bauman. Essa escolha se justifica por que entendemos que a insegurança produzida pela fluidez das identidades e a falta de um porto seguro identitário, antes determinado pela tradição, pode conduzir os sujeitos, na contemporaneidade, ao que Rüdiger denomina “crise identitária”, levando o indivíduo a uma busca por um ideal identitário que possa lhe dar segurança para ser e agir, em especial no campo de uma profissão.

Dito isso, nosso objetivo é refletir e analisar as possibilidades de existência do discurso de autoajuda voltado ao professor em *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Tal proposta justifica-se, não somente pelo número de vendas do livro, mas também, porque seu autor possui cursos voltados ao aperfeiçoamento dos profissionais professores, o que tornar, portanto, de extrema importância que nós, profissionais da educação reflitamos, não só sobre o conteúdo desse tipo de literatura, mas principalmente sobre suas possibilidades de existência e produção de sentidos. O que poderá nos levar a uma melhor compreensão sobre os objetivos de tal conteúdo.

¹ Dissertação disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3765>

21 A CRISE IDENTITÁRIA DO PROFESSOR E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DE AUTOAJUDA

Estudar o conceito de identidade torna-se importante para compreender as condições de produção do discurso de autoajuda, principalmente porque nos interessa investigar os processos discursivos de constituição identitária do sujeito professor em *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Tal conceito é amplo, complexo e discutido em várias áreas do saber, em especial, nas ciências humanas e sociais. Entretanto, focamos as investigações nas pesquisas desenvolvidas pelos teóricos dos Estudos Culturais, os quais têm pensado a identidade de forma dinâmica, no sentido de movimento e como algo fluido.

Hall (2006) apresenta o que denomina de “três concepções de identidade”, buscando, assim, sintetizar as visões sobre identidade na modernidade. A primeira concepção, o sujeito do Iluminismo, “(...) estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006, p. 10). Nessa concepção, o sujeito é visto como tendo um núcleo interior que corresponderia ao centro essencial do eu que, embora se desenvolvesse com o indivíduo, permaneceria basicamente o mesmo ao longo de sua existência, unificado e centrado. É uma concepção individualista do sujeito, uma vez que o sujeito do Iluminismo apresenta-se como um sujeito autônomo e autossuficiente e, portanto, cognoscente. Sendo assim, a identidade é vista como algo interno ao sujeito.

Na segunda concepção, do sujeito sociológico, a identidade é formada numa perspectiva interativa entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem núcleo, porém, o núcleo vai sendo formado e modificado no contato com o social e com a cultura. “A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2006, p. 11, grifos do autor).

A terceira concepção é a do sujeito pós-moderno. Hall (2006) argumenta que o sujeito com uma identidade unificada, centrada, tem passado por um processo de fragmentação, e que o sujeito passa ser composto, não mais, por uma única identidade, mas por várias. Consequentemente, “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p. 11). Portanto, a identidade deixa de ser fixa e passa a ser móvel, sendo transformada continuamente. O indivíduo passa a assumir identidades diferentes em diferentes momentos, logo, as identidades não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Sob essa perspectiva, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 11), porém, os sujeitos buscam-na e lutam por ela.

Outrora, o que observamos nesse breve resumo das concepções de identidades fundamentado em Hall é que a noção de identidade é um processo que se modifica com a história e está interligada às concepções de sujeito. Nessa lógica, o sujeito pós-

moderno vivencia, historicamente, um processo de mudança na sociedade conhecido como *globalização* em que as sociedades são “(...) por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2006, p. 11), ou seja, as sociedades modernas estão em constante transformação.

As sociedades da modernidade tardia, [...] são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos que produzem uma variedade de diferentes ‘posições sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta (HALL, 2006, p. 17, grifos do autor).

Essa concepção de identidade embora possa parecer, em curto prazo, atraente, cheia de promessas e possibilidades, é mais perturbadora que as demais, pois, a longo prazo, flutuar sem um apoio definido, sem um lugar fixo de identificação e, portanto, frágil, torna-se uma condição produtora de ansiedade e insegurança. Possivelmente, por ser perturbadora e por produzir ansiedade e insegurança, é que os sujeitos buscam uma identidade una e segura, como um porto seguro identitário, ao mesmo tempo em que se sentem pressionados a mantê-la aberta, uma vez que, em algum momento da vida, poderão ou deverão se adaptar a outra (BAUMAN, 2005).

O sujeito moderno vivencia, portanto, um estado de insegurança e ansiedade, provocado pelo processo de mudanças constantes e rápidas que ocorre nas sociedades modernas e, que influenciam na identidade, tornando-a mais provisória e mutável. O sujeito vê-se, como popularmente falamos “entre a cruz e o punhal”, uma vez que luta por uma identidade, isto é, busca um lugar de identificação que possa lhe oferecer certa segurança, ou alguém que lhe diga qual identidade deve assumir – a autoajuda acaba assumindo esse lugar –, ao mesmo tempo em que se vê obrigado a abrir mão dela a qualquer instante, já que na época líquida, moderna, o indivíduo inflexível é mal visto.

O sujeito necessita fazer escolhas sozinho, já que o individualismo responsabiliza o sujeito por suas escolhas, como se essas não fossem influenciadas socialmente. Sobre o individualismo, Hall (2006), apresenta as seguintes reflexões:

É agora o lugar-comum dizer que a época moderna fez surgir uma forma nova e decisiva de *individualismo*, no centro da qual erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. [...] As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. Antes se acreditava que essas eram divinamente estabelecidas; não estavam sujeitas, portanto, a mudanças fundamentais (HALL, 2006, p. 24, 25, grifos do autor).

As identidades deixam de ser determinadas pelas tradições e estruturas, estabelecidas divinamente, pois o indivíduo agora é soberano, dono de suas escolhas. Para Hall (2006), esta visão de indivíduo soberano surge entre o Humanismo Renascentista do

século XVI e o Iluminismo do século XVIII, período que representou uma forte ruptura com o pensamento de épocas passadas. Muitos foram os movimentos que contribuíram para emergência dessa nova concepção, como corrobora Hall:

[...] a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem [sic] no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada (HALL, 2006, p. 26).

Com a Reforma e o Protestantismo, a salvação passa a ser vista como uma escolha individual, em que cada pessoa torna-se responsável por desenvolver e buscar um relacionamento com a divindade. Rompe-se, assim, com a visão cristã católica de que a salvação era alcançada de forma coletiva, por meio da comunidade que o indivíduo nascia. O indivíduo moderno precisa, de certa forma, de boas razões para seguir esse Deus. A cientificidade, uma das marcas da modernidade, diz ao homem que é preciso uma compreensão racional sobre a divindade. O homem está menos preocupado com que pode alcançar após a morte, e mais preocupado com o aqui e o agora, com o que esse Deus, ou outros deuses, podem lhe oferecer nesse mundo. Sobre essa questão, Bauman (1998) afirma:

São as incertezas concentradas na *identidade individual*, em sua construção nunca completa e em seu sempre tentado dismantelamento com o fim de reconstruir-se, que assombram os homens e mulheres modernas, deixando pouco espaço e tempo para as inquietações que procedem da insegurança *ontológica*. É nesta vida, neste lado do ser (se é que absolutamente há outro lado), que a insegurança existencial está entrincheirada, fere mais e precisa ser tratada. Ao contrário da insegurança ontológica, a incerteza concentrada na identidade não precisa nem das benesses do paraíso, nem da vara do inferno para causar insônia (BAUMAN, 1998, p. 221, grifos do autor).

Essas transformações ocorridas nas sociedades modernas apresentam-se ao sujeito com certo caráter *libertador*. Entretanto, tais transformações abalaram os quadros de referência que estabilizavam o mundo social que ofereciam ao sujeito certa *segurança*, o que leva os sujeitos a se preocuparem mais em buscar construir ou reconstruir sua identidade individual, do que com a vida pós-morte. Segundo Hall (2006), as identidades estáveis que serviam de referência ao indivíduo estão cada vez mais fragmentadas.

[...] as identidades não são nunca unificadas; [...] elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; [...] elas não não [sic] são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2008, p. 108).

Hall apresenta, portanto, um conceito de identidade que não é essencialista, mas um conceito que ele chama de “estratégico e posicional”: a identidade não é vista como tendo um núcleo estável do eu que permanece para toda vida, sem qualquer mudança. O indivíduo pode “assumir” diferentes “posições-sujeito” que podem ser semelhantes ou antagônicas, de acordo com “estratégias e iniciativas específicas”, uma vez que a identidade tem a necessidade daquilo que lhe “falta”. Sendo assim, “(...) as identidades são construídas dentro e não fora do discurso” e são “(...) produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HAAL, (2008, p. 109).

Pensando nas identidades como sendo produzidas no interior de formações e práticas discursivas, Hall (2008), utiliza o termo identidade para

[...] significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura* entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “fala”. As identidades são pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós [...] (HALL, 2008, p. 111, 112, grifos do autor).

Compreendemos a noção de identidade, nesse sentido, como a manifestação enunciativa que acontece por intermédio da formação discursiva que interpela o indivíduo a enunciar enquanto sujeito, fazendo com que ele assuma “posições-de-sujeitos” (identidades) a partir das práticas discursivas construídas sócio-historicamente e que lhe autoriza a falar a partir de determinados lugares, posicionando-se como sujeito social.

Sobre esta questão, Woodward (2008) aponta que as “posições-de-sujeitos” que são produzidas pelos sistemas de representação, as quais levam os sujeitos a serem posicionados no interior desses sistemas. A autora afirma que “o foco se desloca dos sistemas de representação para as *identidades* produzidas por aqueles sistemas (...) os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2008, p. 17, grifos da autora).

Nesse sentido, a autoajuda, no contexto contemporâneo, de uma sociedade neoliberal, em que os sujeitos devem ser cada vez mais competentes, capacitados e especializados para exercerem sua profissão, aliada às leis do mercado econômico, produz discursos e sistemas de representação que buscam construir os lugares a partir dos quais os sujeitos profissionais possam ser atuantes e competitivos. Sobre essa questão, Foucault (2010, p. 193) corrobora: “é esta multiplicação da forma <empresa> no interior do corpo social que constitui, a meu ver, a questão política neoliberal. Trata-se de fazer do mercado, da concorrência e, por conseguinte, da empresa aquilo a que se poderia chamar o poder formador da sociedade”.

Nessa perspectiva, a sociedade neoliberal determina como norma a “posição sujeito”

do bem-sucedido, o empreendedor de si, que movido pela concorrência do mercado e pela competição precisa estar em contaste aperfeiçoamento. Portanto, a “forma empresa” passa ser a norma de condução dos sujeitos e a autoajuda entra em cena com caminho para alcançar o sucesso.

Woodward (2008) pontua ainda que,

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível àquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2008, p. 17).

A partir dessa afirmação, podemos pensar em qual, ou quais, representações podem ser vistas em nossa cultura sobre o sujeito professor. De modo geral, observamos a representação do professor como alguém que precisa ter domínio de conteúdo, que tenha facilidade de ensinar, que tenha aptidão para manter seus alunos atentos, motivados para o aprendizado, entre tantas outras representações, inclusive de que é uma profissão mal remunerada e que por isso seria uma má escolha profissional.

Muitos se acham autorizados a dizer ao professor o que ele deve e não deve fazer: pais, psicólogos, assistentes sociais, médicos e mesmo alunos, não em uma relação de troca de conhecimento, mas de imposição. A autoajuda entra em cena justamente ocupando esse lugar de autoridade para dizer ao sujeito professor como ser um profissional que atenda as representações que se tem sobre ele enquanto profissional da educação. Nesse sentido, concordamos com Duarte (2009, p. 251), que afirma que discurso de autoajuda é “(...) uma prática contemporânea calcada na concepção de identidade imutável, posto que dada a *priori* (...)”, que pelo seu enunciador, que postula ter o saber último e verdadeiro sobre o homem contemporâneo, em especial sobre o sujeito professor, determinar o seu fazer profissional.

Pensando na proposta de identificação do sujeito professor oferecida no discurso de autoajuda, operando a partir das representações que se tem deste é importante destacar que as identidades são construídas por meio da diferença, logo, as identidades são construídas nas relações com o outro, com o exterior. Sobre esta questão de identidade e diferença Woodward complementa,

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios* (WOODWARD, 2008, p. 39-40, grifos da autora).

Todo sistema classificatório é excludente, pois busca determinar relações de diferenciações que, muitas vezes, perpassam pelo juízo de valor, relações entre o bom e

o mau, entre o doente e o são, entre o bonito e o feio etc. O que nos faz lembrar que todo sistema classificatório envolve relações de poder, que definem quem é incluído e quem excluído. Na obra *Pais brilhantes, professores fascinantes*, de Augusto Cury, observamos um sistema de classificação, que é utilizado com o objetivo de diferenciar o que é certo daquilo que é errado, e determinar o que deve ser incluído ou excluído da *identidade* do sujeito professor. O sujeito enunciador, ao diferenciar o bom professor do professor fascinante², busca marcar o lugar de identificação do sujeito leitor, com a assertiva de que ser fascinante é a escolha do professor eficaz, enquanto, ser um bom professor é uma escolha medíocre.

Bauman (2005), em entrevista concedida a Benedetto Vecchi, apresenta reflexões sobre a noção de identidade na sociedade contemporânea. Para o autor, a identidade não é dada *a priori*, e muito menos imutável, ela não está oculta à espera de ser descoberta. Bauman trata, sobretudo, de identidades incertas, fluidas e transitórias, pois na “modernidade líquida” as instituições antes tidas como sólidas foram dissolvidas. Nessa perspectiva, a identidade, para Bauman,

[...] só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre as alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta (BAUMAN, 2005, p. 21-22, grifos do autor).

O atual contexto social, com sua fluidez e suas incertezas, contribui decisivamente para a fragmentação dos sujeitos e tende a reforçar a condição transitória e eternamente inconclusa da identidade, como aponta Bauman (2005). O que leva o indivíduo a buscar, lutar, por uma identidade, ou por um referencial identitário, que possa lhe completar, mesmo que tal completude seja ilusória, uma vez que a identidade é eternamente provisória e frágil. Para o autor, o sujeito moderno vivencia um estado de desconforto e desespero, e busca a salvação ou, pelo menos, a tranquilidade num sonho de pertencimento.

Bauman (2005, p. 30, grifos do autor) afirma, ainda, que “quando a identidade perde as âncoras sociais que faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam (...) um ‘nós’ a que possam pedir acesso”. Como exemplo desse “nós”, o autor cita os grupos virtuais que funcionam como uma ilusão de pertencimento, pois, assim, como é fácil entrar, é fácil de ser abandonado ou abandonar: num clique, alguém se torna ou deixa de ser amigo. Outro exemplo que podemos mencionar sobre o sonho de pertencimento são as aglomerações religiosas, das quais muitas se mostram funcionar como uma família, mas que acabam sendo temporárias e descartáveis.

² Um dos capítulos da obra *Pais brilhantes, professores fascinantes* traz como título “Sete hábitos dos bons professores e dos professores fascinantes”.

Nessa vontade de pertencimento provocada pela necessidade de identificação o sujeito acaba por se tornar mais ansioso e inseguro, buscando, muitas vezes, na autoajuda essa possibilidade de identificação, pois essa lhe promete segurança e auxílio por meio das técnicas e hábitos apresentados, com a promessa de felicidade e sucesso.

As mudanças nas sociedades modernas trazem como resultado a fragmentação das estruturas sociais que, outrora, tinham uma definição sobre sexualidade, nacionalidade, religiosidade e forneciam uma “sólida” localização identitária, como apresenta Hall (2006), bem como a fluidez e incertezas advindas da modernidade, como pontua Bauman (2005), provocam inseguranças levando ao que Hall chama de “crise de identidade”.

Essa “crise de identidade” provocada por falta de um referencial é apresentada por Rüdiger (1996) como “perda de identidade”. Para o autor, essa “perda de identidade” ocorre porque os princípios normativos transmitidos pela tradição foram retirados do indivíduo. Esses princípios são as “representações coletivas que outrora lhe engessavam a identidade e prescreviam-lhe um conceito com pretensão de validade para toda vida” (RÜDIGER, 1996, p. 14).

A falta de um referencial gera no indivíduo a necessidade de recorrer a outros meios que o leve a encontrar “uma identidade” com a qual se identifique, entre esses meios, observamos a autoajuda exercendo esse papel norteador. A autoajuda foca-se no individualismo e no princípio de que cada pessoa tem dentro de si um poder que pode ser empregado na solução de todos os problemas pessoais, mesmo que tais problemas se originem em fatores sociais e históricos.

Sobre essa necessidade do sujeito, na contemporaneidade, de buscar uma ancoragem identitária e escolher dentre as possibilidades a autoajuda, Bauman (1998, p. 221, grifos do autor) pontua que “(...) a pós-modernidade é a era dos especialistas em ‘identificar problemas’, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos autores dos livros de ‘auto-afirmação’: é a era do ‘surto de aconselhamento’ (...)”. Fruto do consumismo, as literaturas de massa ganham espaço nesse mercado sedutor de venda da felicidade e do sucesso.

Soma-se a essa “crise de identidade” do indivíduo na modernidade, a divulgação das práticas de si deflagradas pela indústria cultural, o que leva a criação de verdadeiras empresas de engenharia da alma. Nesse contexto, Rüdiger (1996, p. 16), pontua que: “as respostas para os problemas de identidade, os recursos para descobrir e explorar os segredos da alma, do corpo e do sexo e as fórmulas para ter sucesso na vida e relacionar-se com as pessoas foram se tornando mercadoria de consumo de massa”.

O discurso de autoajuda, em meio a essa crise identitária, desenvolve o que Rüdiger (1996) chama de mercado da personalidade. Os pregadores da autoajuda buscam ensinar seus leitores a moldarem suas subjetividades às exigências do mercado. Esse mercado da personalidade fundamenta-se no princípio capitalista de igualdade, em que todos, teriam as mesmas oportunidades para alcançarem êxito na vida, cabendo ao indivíduo sua

persistência e determinação e tem como base uma psicologia behaviorista.

Assim, a autoajuda, como prática discursiva, que busca produzir subjetividades, utiliza-se das representações que o mercado fornece sobre o tipo de profissional que ele precisa para sugerir aos seus leitores práticas que moldem suas subjetividades, ou como prefere os pregadores de tal discurso, moldem sua personalidade para serem personalidades bem-sucedidas e assim alcancem o êxito profissional.

Sob essa perspectiva, a autoajuda funciona, entre outras funções, como prática de exploração do capital humano. E muitas pessoas, movidas pelo ideal de homem/mulher bem sucedido(a), se envereda por este caminho, transformando sua própria imagem em mercadoria. Se pensarmos na precarização do mercado de trabalho, que produz nos sujeitos o medo do desemprego, esse discurso passa a fazer sentido e os trabalhadores buscam se reconhecer nele, querem vender sua imagem de excelente profissional, de colaborador da empresa. Sendo assim, o professor, enquanto profissional também pode entrar nesse jogo, buscando ser um profissional de destaque, que agrade seus alunos, que tenha uma imagem de um bom profissional e que todos o reconheçam como tal.

Rüdiger (1996) identificou três direções bem definidas nos textos de autoajuda, a partir das articulações textuais desse tipo de literatura: i) a primeira relaciona-se as dificuldades que o sujeito tem em conviver consigo mesmo, são textos que buscam oferecer aos leitores um sentimento de bem-estar consigo mesmo e solução de conflitos pessoais; ii) a segunda direção refere-se aos textos que buscam oferecer aos sujeitos técnicas que os conduzirá ao sucesso profissional, nos relacionamentos sociais e familiares, ou seja, o desenvolvimento de uma personalidade bem-sucedida; iii) a terceira direção refere-se aos textos que trabalham práticas de manipulação psicológica, em que os sujeitos se destacam em relação aos outros por conseguir seduzi-los ou intimidá-los, é o sujeito que busca tirar vantagem sobre os outros.

A obra *Pais brilhantes, professores fascinantes* pode ser pensada a partir da segunda direção, pois propõe práticas relacionadas à constituição de sujeitos morais bem-sucedidos nos terrenos da profissão de professor e na atuação dos pais. O próprio título da obra revela essa leitura inicial. A proposta do sujeito enunciador do discurso de autoajuda presente na obra é justamente que leitor se torne, a partir de leitura e prática das técnicas apresentadas, um profissional bem-sucedido, a ponto de revolucionar a educação – sua área de trabalho – e, assim se torne um professor fascinante. Entretanto, observamos que a terceira direção também se faz presente na obra, uma vez que propõe um sujeito professor capaz de influenciar pessoas (alunos) e ao mesmo tempo seduzi-los, como vemos no enunciado abaixo:

Bons professores são eloqüentes, professores fascinantes conhecem o funcionamento da mente. Este hábito dos professores fascinantes contribui para desenvolver em seus alunos: capacidade de gerenciar os pensamentos, administrar as emoções, ser líder de si mesmo, trabalhar perdas e frustrações, superar conflitos (CURY, 2003, p. 57).

São muitas as mudanças que ocorreram na profissão de professor no decorrer dos últimos anos. A figura do professor, há algumas décadas, era vista como uma autoridade em sua profissão, como o detentor do conhecimento. Segundo Albuquerque Júnior (n/d), em meio as mudanças ocorridas na sociedade e conseqüentemente na instituição escolar, vemos o professor ter sua autoridade tradicional e sua centralidade no processo ensino-aprendizagem contestadas.

Com os avanços tecnológicos e a influência da mídia, o papel do professor como transmissor de informações e conhecimentos perde o sentido, já que a informação circula livremente e há infinitas possibilidades de aprendizado e experimentação, sendo assim, o espaço escolar tradicional passa a ser sem significação para os alunos, perde sua sedução e passa ser um espaço frequentado pela obrigação de aquisição de um diploma (ALBUQUERQUE JÚNIOR, s/d).

Há uma desmotivação tanto nos alunos quanto nos professores. Com todas estas mudanças passou-se a cobrar mais desse sujeito professor, que mesmo diante de tantas mudanças, ainda é, nesta escola que não acompanhou as mudanças sociais, o responsável pela aplicação e execução dos projetos curriculares. Portanto, é exigido que este seja um profissional completo, que tenha conhecimento de todos os conteúdos de sua área, que esteja atualizado, e mais, que consiga manter o *controle* da turma, pois os alunos também já não são os mesmos, aqueles que permaneciam sentados ouvindo o mestre, eles se movimentam, eles questionam e estão afoitos por novos saberes que lhes sejam significativos e interessantes.

Nesse contexto, temos o professor que acaba sentindo-se responsável por não dar conta de corresponder às representações que se tem sobre sua profissão e as exigências que lhe aparecem. Sem se levar em conta as políticas públicas sobre educação, pois se culpa o professor pelo *fracasso da educação*. Nesse sentido, podemos afirmar que muitos professores passam por um processo de ansiedade e insegurança, vivenciando certa “crise identitária” e, como vimos, essa crise pode o levar a busca alguém que lhe diga o que fazer, que lhe diga como reconstruir sua imagem, ou como reorganizar essa identidade.

Assim como outros sujeitos no mundo contemporâneo, o professor também vivencia a busca por uma identidade. A promessa de tornar-se um “professor fascinante” – pois não basta ser “bom professor”, tem que ser “fascinante” – anunciada em *Pais brilhantes, professores fascinantes*, vem ao encontro dessa necessidade (ansiedade). Isso porque o discurso de autoajuda funciona como uma venda de dizeres motivadores, que coloca a identidade – nesse caso a de professor – como um produto que deve atender à demanda produzida pela sociedade moderna, pois, o professor, assim como os demais trabalhadores, precisa atender às exigências do mercado de ser um profissional completo em sua área de atuação, o que inclui competência, influência, bons relacionamentos e outras características ensinadas pela autoajuda.

Vale a pena mencionar que o *cada um por si* no mundo do trabalho, fruto de uma

competição e busca por destaque, também chega à educação. Nesse sentido, o professor precisa se destacar, ser o melhor e, para isso, ele terá que pagar um preço, terá que lutar sozinho para alcançar seu sucesso, pois, como diz Roberto Shinyashiki, escritor brasileiro de autoajuda em seu livro *O sucesso é ser feliz*: “sucesso é construído à noite! Durante o dia você faz o que todos fazem. Mas, para conseguir um resultado diferente da maioria, você tem de ser especial” (SHINYASHIKI, 1997, p.102). O que nos leva a uma questão: essa competição não seria uma forma de dificultar a união dos professores (e demais profissionais) em busca de melhorias para categoria?

Ainda precisamos questionar o termo “fascinante”, utilizado por Cury, como o meta de sucesso do profissional da educação. Por que “fascinante”? Por que não basta ser bom ou ótimo professor? Por que o enunciador de *Pais brilhantes, professores fascinantes* joga com as palavras? Tal termo nos reporta a alguém que chama a atenção por seu fascínio, alguém que nos faz olhar para ele, pois ele fascina. É alguém que por algum motivo nos seduz, que é tão admirável que nos rouba o olhar. O professor nesse processo de perda de autoridade necessita, de alguma forma, preencher essa lacuna, tornando-se *agradável, fascinante, visível* para os alunos em meio a tantas outras coisas que lhes são fascinantes.

O sujeito professor, como muitos outros sujeitos na contemporaneidade, pode vivenciar um processo de “crise identitária” e, por isso, busca um referencial identitário em que possa se sentir seguro. Além da sua busca por satisfazer ou preencher aquilo que lhe falta, fruto do seu desejo de ser feliz. Como a autoajuda lhe promete tornar-se um professor fascinante e, portanto, feliz e bem-sucedido, pode buscar nesse tipo de literatura um porto seguro identitário e, portanto, a felicidade.

A proposta da autoajuda ao professor de torná-lo fascinante, com a promessa de diferenciar-se em seu ambiente de trabalho é justamente de homogeneização, é como se estivéssemos em uma linha de montagem de identidades de sujeitos professores, em que se molda ou constrói professores para atenderem às necessidades da produção dessa escola que perdeu seu significado. Albuquerque Júnior (s/d) propõe algo totalmente diferente disso:

[...] venho aqui propor que precisamos de um professor que deforme e não que forme, um professor que ponha em questão, primeiro em sua própria vida, em suas práticas e discursos os códigos sociais em que foi formado. Professor que pense o ensinar como uma atividade de auto-transformação, como uma atividade diária de mutação do que considera ser sua subjetividade, sua identidade, seu Eu.

A proposta de Albuquerque Júnior (s/d) vai à contramão do discurso de autoajuda, que trabalha a partir dos ideais de massa, utilizando-se de uma identidade *pret-à-port* do profissional bem-sucedido, que torna-se o ideal identitário de muitos sujeitos. Logo, tais sujeitos, podem ser influenciados pelo marketing, que apresenta a figura do profissional de sucesso como se fosse a personalidade do momento: o sujeito, então, deve buscar tal ideal

identitário, sendo que a autoajuda surge como mediadora dessa busca.

Ao pontuarmos o mercado da personalidade que transita as obras de autoajuda, compreendemos que, no caso específico da obra em análise, o enunciador busca oferecer a personalidade de professor fascinante aos seus leitores. Analisar essa proposta de sujeito professor, oferecida pela autoajuda, é de fundamental importância, a fim de que possamos compreender melhor que tipo de representação do sujeito professor tal discurso propaga e pensarmos em novas práticas, como propõe Albuquerque Júnior (s/d), que sejam heterogêneas e valorize as singularidades.

O que observamos no discurso de autoajuda é que este se coloca no lugar da verdade, oferecendo aos seus leitores técnicas para serem felizes e progredirem com sucesso, priorizando o individualismo em detrimento da vida em sociedade: espalha, assim, o modelo concorrencial do mercado, motivando as pessoas ao isolamento. O discurso de autoajuda funciona, portanto, para o professor, de modo a impedir, que haja um fortalecimento social da classe de professores que possa vir a contestar sua realidade profissional, em especial, sobre os problemas da educação, ao fazer emergir em seus dizeres que a culpa dos problemas na educação recorrem sobre a própria figura do professor, pois, segundo os dizeres de Cury (2003, p. 10), basta aos professores colocarem seus ensinamentos em práticas que irão “revolucionar a educação para sempre”.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, no presente texto, pensar nas condições de produção do discurso de autoajuda, observando os dizeres que o sustenta e o legitima, percebendo, portanto, a produção de sentidos que dele emerge. Buscamos destacar a partir da noção de identidade, desenvolvida pelos teóricos dos estudos culturais, que a autoajuda trabalha para oferecer uma identidade do tipo *pret-à-prot*, do homem/mulher bem-sucedido(a), que acaba sendo um ideal de massa promovido pela sociedade neoliberal, que tem a concorrência como norma de conduta.

Identificamos que o discurso de autoajuda se realiza e encontra leitores, pois vai ao encontro das ansiedades produzidas na contemporaneidade pela chamada “crise de identidade” vivenciada pelo sujeito. Sendo assim, por meio desses vários contextos, que envolve desde o psíquico e passa pelo contexto sócio-histórico, vimos as condições que por vezes, servem, ou são aproveitadas, pelos pregadores da autoajuda, para produzir seus dizeres, e que o discurso de autoajuda produz sentidos aos seus leitores, para que esses se identifique e façam com que tais práticas discursivas se legitimem e se sustentem.

Diante disso, podemos dizer que há um poder na voz da autoajuda referendado pela ideologia dominante (o neoliberalismo, e todas as suas bases formadoras), reforçada pelo anseio de identificação do homem moderno.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade**. Disponível em: <https://artedeinventaropassado.files.wordpress.com/2017/09/durval-muniz-de-albuquerque-jc3banior-por-um-ensino-que-deforme.pdf> - Acesso em 14/08/2021.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Z. **A arte da vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DUARTE, Sirlene. Literatura de auto-ajuda: prática contemporânea de subjetivação. *In*: SANTOS, João Bôsco Cabral dos (org.). **Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 245-260.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. Trad. de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2010.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 103-133.
- RÜDIGER, F. R. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade do Rio Grande do Sul, 1996.
- SHINYASHIKI, R. T. **Sucesso é ser feliz**. São Paulo: Editora Gente, 1997.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 7-72.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abandono escolar 27, 28, 29, 30, 37, 39, 40, 41, 42, 44
Acessibilidade 125, 188, 198
Aprendizaje acelerado 200, 201, 202, 204, 206
Arte 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 150, 187
Autoajuda 174, 175, 176, 177, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186
Avaliação da aprendizagem 95, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 172

B

Biologia 94, 115, 124, 134, 135, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 159, 161

C

Ciências 13, 27, 33, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 46, 51, 83, 90, 110, 114, 115, 116, 119, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 139, 140, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 158, 161, 162, 176, 222, 223, 224, 233
Círculos de construção de paz 97, 99, 103, 104, 106, 109
Classes populares 27, 28, 30, 42
Comunicação gesto-visual 125
Comunidade escolar 91, 97, 100, 103, 108, 110, 127, 129, 150, 151, 152, 156, 159, 160
Coordenação pedagógica 90, 91, 92, 93, 96
Corpo 9, 52, 93, 114, 129, 130, 136, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 158, 179, 182, 208, 209
Currículo 43, 95, 105, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 134, 147, 209

D

Desempenho escolar 28, 30, 31, 32, 39, 43, 159, 161
Desenvolvimento 1, 2, 3, 5, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 38, 40, 42, 43, 48, 49, 51, 55, 90, 91, 92, 95, 97, 99, 100, 101, 104, 107, 108, 109, 113, 114, 116, 118, 122, 123, 139, 147, 152, 153, 154, 158, 160, 163, 167, 168, 171, 183, 189, 190, 191, 192, 208, 209, 211, 217, 218, 220, 221, 225, 227, 228, 230, 233
Discentes 45, 46, 92, 125, 152, 153, 154, 163, 164, 171, 204, 209, 228, 229, 230
Docência 45, 47, 52, 53, 55, 93, 117, 124, 134, 153, 164, 165, 166, 171, 172, 173, 233

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 32, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 109, 110,

112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 157, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 180, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 198, 199, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 233

Educação a distância 49, 50, 55

Educação infantil 6, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Educação profissional 2, 207, 208, 210, 211, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Ensino superior 6, 14, 22, 30, 52, 53, 55, 81, 113, 118, 154, 163, 164, 165, 166, 169, 172, 199, 208, 209, 225, 226, 227, 228, 232, 233

Escola 2, 14, 19, 27, 30, 32, 39, 41, 42, 44, 47, 51, 80, 81, 86, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 109, 110, 111, 117, 126, 134, 136, 137, 140, 141, 142, 146, 147, 156, 157, 158, 167, 168, 172, 184, 185, 193, 198, 209, 211, 215, 216, 223

Estilo parental 56, 57, 58, 61, 63, 64

Estrés acadêmico 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77

Estresores 68, 69, 70, 72

Evasão 42, 168, 207, 208, 223, 227

Exclusão 28, 39, 42, 43, 143, 154, 180

Extensão 2, 3, 4, 6, 36, 52, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161, 162, 208, 233

F

Família 1, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 82, 99, 104, 140, 147, 148, 181

Formação 1, 4, 22, 28, 33, 34, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 55, 83, 88, 91, 93, 94, 95, 96, 103, 108, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 129, 143, 153, 154, 162, 164, 165, 166, 168, 172, 173, 179, 211, 214, 221, 226, 233

Formação docente 91, 93, 96, 113, 117, 118, 121, 122, 162

H

Habilidades cognitivas 200, 203

Humanismo 84, 177, 178

I

Identidade 5, 27, 29, 44, 46, 52, 53, 113, 122, 124, 137, 141, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187

Infância 22, 31, 36, 108, 136, 138, 139, 143, 148, 149

J

Justiça restaurativa 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 111

L

Legislação para formação de professores 112, 115, 116

Licenciatura em Física 112, 113, 116, 120, 122, 123, 124

Língua Brasileira de Sinais - Libras 188, 192

Locus de control 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

M

Mediação pedagógica 55, 90, 91

Metacognición 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206

N

Neoliberalismo 174, 186, 222

P

Pedagogia visual 125, 126, 127, 129, 134

Permanência estudantil 207, 208

Políticas de assistência estudantil 207

Políticas públicas 7, 8, 11, 12, 13, 15, 17, 19, 20, 21, 24, 42, 140, 149, 184, 190, 213, 216, 218, 222, 223, 226, 227, 231, 232

Professor 4, 5, 15, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 90, 93, 94, 95, 102, 112, 114, 115, 118, 124, 128, 133, 137, 153, 155, 156, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 189, 192, 198, 233

R

Recursos Educacionais Abertos - REA 188, 195, 198

Relações de gênero 136, 137, 141, 142, 144

Rizoma 79, 84, 85, 87, 88

S

Saúde 7, 21, 45, 46, 49, 55, 150, 151, 162, 208, 212, 213, 214, 227

Scratch 125, 126, 127, 130, 131, 132, 135

Surdos 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 188, 192, 193, 195, 196, 198

Sustentabilidade 13, 15, 161

T

Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC 188

Território 79, 82, 140, 157

Trabalho pedagógico 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

U

Universitarios 56, 61, 65, 67, 68, 69, 76, 77, 204

V

Violencia en el noviazgo 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

2

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2021

Investigação científica, teoria e prática da educação na contemporaneidade

2

🌐 www.arenaeditora.com.br

✉ contato@arenaeditora.com.br

📷 @arenaeditora

📘 www.facebook.com/arenaeditora.com.br

